IOM
INSTITUTO
OCTÁVIO
MAGALHÃES



IOM 50 anos

Não esmorecer, para não desmerecer...

FUNED
Fundação
Ezequiel Dias

2023 é o ano que marca os 50 anos que nosso Instituto recebeu o nome de **OCTÁVIO MAGALHÃES**, dado pelo Decreto nº 15.766 de 9 de outubro de 1973.

É também o ano em que faz 100 anos que Octávio Magalhães assumiu a direção da então Filial do Instituto Manguinhos de Belo Horizonte, substituto quase natural de Ezequiel Dias, e indicado por este, que tão precocemente faleceu aos 42 anos, em 1922.

Aproximando-se o advento do Cinquentenário, interessei-me em saber a história de Octávio Magalhães. Visto que as fontes de informação sobre sua vida são poucas, busquei junto à historiadora do Centro de Memória da FUNED, Fabiana Melo Neves, essas fontes, e desenvolvi uma pesquisa.

Faço aqui um resumo para apresentar aos meus caros colegas e amigos do IOM, de quem acompanho o trabalho, e que, com sua dedicação diária, fazem jus ao legado de Octávio de Magalhães e ao Instituto que leva seu nome, e que tão bem representam, no país e no mundo, não sem os infortúnios que nos são impostos, e que Octávio conheceu muito de perto, diversos, por toda sua vida.

As fontes estudadas, incluindo várias e longas conversas com nossa historiadora, são um livro de memórias que Octávio Magalhães publicou: "Ensaios", de 1956. O livro teve poucas unidades produzidas, que foram distribuídas pelo próprio Octávio a particulares e amigos.

Destas, três vieram para o acervo da Biblioteca da FUNED, estando uma das cópias disponível (somente para consulta).

"Ensaios" é um livro complexo e extenso, de quase 600 páginas, dividido em 3 capítulos. Nele, Octávio faz detalhado relato sobre seus anos no então Instituto Ezequiel Dias, incluindo relatórios de atividades e relatórios financeiros, e até mesmo a planta baixa do que planejou para os "Pavilhões da Gameleira".

O outro livro é: "Octávio de Magalhães – Um pouco do que ele foi" escrito por sua esposa, Wanda Figueiredo Magalhães, em 1976, já então viúva. Uma cópia desse livro chegou recentemente à FUNED, por empréstimo de uma servidora aposentada.

Tento, então, compilar, muito resumidamente, passagens da vida de Octávio no Instituto, incluindo suas falas e reflexões. E, ao se falar de Octávio, inevitavelmente sua história entrelaça-se com a vida de Ezequiel Dias.

Resumi-las neste artigo foi um trabalho difícil, pois seu livro revela questões muito interessantes sobre os primeiros anos e primeiras décadas da FUNED. As fontes fotográficas também são poucas, então incluí algumas.

Deixo para vocês mensurarem, das dificuldades por ele enfrentadas, quão distante estamos hoje, 100 anos depois...

> "Senti imediatamente a responsabilidade que punha sobre os ombros."

NOTA

As citações em destaque e entre aspas são palavras de Octávio e Wanda em seus livros. Até onde o editor permitiu, procurei manter a grafia tal qual redigida, portanto, algumas palavras podem causar estranheza por sua grafia.

IOM
INSTITUTO
OCTÁVIO
MAGALHÃES

PRÓLOGO

Guardamos na sala da diretoria do Instituto que leva seu nome, na parede acima da mesa do diretor, presente do Centro de Memória da FUNED, um retrato desse distinto homem de olhos azuis e cabelos precocemente grisalhos, em cujo porte nota-se a firmeza de caráter.



Foto: Octávio Magalhães. 1936.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

Octávio Magalhães foi um verdadeiro cientista, pesquisador nato, médico por natureza, professor e trabalhador incansável, e, ao mesmo tempo, um ser humano acessível e caridoso.

Lendo seus escritos, o que mais chama atenção é sua extrema humildade e modéstia. Octávio foi contemporâneo e conviveu pessoalmente com os grandes cientistas do Brasil e do mundo, e se iguala a eles em quase tudo, senão por tê-los sobrevivido, considerando-os, por isso, saudosos. Quando os cita, o faz sempre com diversos elogios, engrandecendo-os diante de si.

Em "Ensaios", Octávio discorre sobre os mais variados assuntos, como: cultura, educação, inteligência, instinto, genética, até sobre o marxismo/comunismo.

Sobre a pandemia da Gripe Espanhola (Influenza) de 1918, ele conta:

> "A pandemia de gripe chegara ao Rio de Janeiro. Morriam-se às centenas, diariamente, na cidade encantadora. Em uma semana, as longas avenidas e ruas ficaram desertas. Dir-se-ia uma cidade abandonada.
>
> A morte não escolhia: ceifava indiferente, ricos ou pobres, médicos e banqueiros.
>
> Os que se encontravam nas ruas despediam-se demoradamente, porque, em 24 horas, se era, não raro, siderado pela pneumonia.
>
> Faltava pão, faltava leite, faltava carne e, triste ironia, faltavam lugares na terra para os pobres corpos abandonados. Disputava-se, num caminhão atulhado, um lugar para um morto e nas necrópoles desertas, sete palmos de terra para um corpo.
>
> Temiam-se os vizinhos, os parentes, os amigos... com a visita do afeto poderia vir também a asa sinistra da morte..."

Octávio cita tantas personalidades, que resolvi listá-las. São mais de 70, incluindo filósofos, escritores, poetas e psicanalistas. No livro, revela também que, além de tudo o mais que fazia, publicava artigos em "O Diário".

Fala, desde Oswaldo Cruz, a quem chama de **"gênio"**, **"grande higienista"**, **"chefe e fundador da escola de Manguinhos"** e **"Mestre"**, até Pasteur, a quem chama de **"maior dos benfeitores da humanidade"** e que **"todos os guerreiros do mundo reunidos não valem um pedaço da alma de Pasteur"**.

A Carlos Chagas, de quem foi muito íntimo, chama de **"mestre e amigo"** e **"mais notável cientista das Américas"**. Dentre outros predicados, diz que Carlos Chagas **"foi a glória da geração de meus mestres. Com Oswaldo Cruz e Miguel Couto, constituiu a trindade de minha devoção obscura, da minha religião de afetos"**.

Que o sentimento era recíproco, vemos de seu relato:

> "Sua afeição não me queria deixar. 'São os bons que nos consolam', dizia-me numas linhas, onde a mágoa pelos deslizes morais de alguns infelizes o fazia acolher-se ao coração dos verdadeiros amigos. Era a ronda da amizade, em busca dos corações sofredores."

E não é o que nos consola até hoje? Sobre outro amigo, faz o seguinte relato:

> "Dizia-me Alberto Rangel: "Afunde-se na análise dos seus arthropodos e arranje-nos alguma imunização aos escorpiões do gênero humano, para que todos nós possamos trabalhar em paz...". Infelizmente até hoje não foi possível cumprir o pedido do meu eminente e saudoso amigo. É que ainda não se descobriu um antídoto para as misérias do mundo moral..."

Em Ezequiel Dias, Octávio via o continuador de Oswaldo Cruz, tendo por ele grande admiração e afeto, lamentando sua perda por toda a vida.

Em suas memórias, inclui uma bela passagem em que descreve que **"num dos cemitérios de Belo Horizonte"**, há dois túmulos: o de seu filho infante, vítima do mesmo flagelo que tão brilhantemente pesquisou durante toda sua história no Instituto, o escorpionismo, e Ezequiel, já há 20 anos falecido, mas que sempre foi o motivo pelo qual Octávio tanto lutou para manter vivo o Instituto Ezequiel Dias.



Foto: Uma das visitas de Octávio ao túmulo de Ezequiel, agora já bem idoso (segundo à direita, com Amílcar Vianna ao fundo). Década 1960.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

Octávio dedicou muitas páginas a Ezequiel, contando sobre sua infância, sua vida como discípulo de Oswaldo Cruz, seu lado escritor e poeta, compilando alguns de seus poemas, revelando inclusive que Ezequiel traduzia obras do Alemão, traduziu Baudelaire, e que, patriota, ficou em extremo pesar por não poder se juntar às Forças Brasileiras que lutaram na 1ª Guerra Mundial, devido ao seu estado de saúde. Relata também que, em 1917, Ezequiel escreveu a primeira lição de Microbiologia da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, da qual foi um dos fundadores e primeiros professores.

Octávio também figura entre estes, tendo sido indicado pelo próprio Ezequiel a ser o professor da cátedra de Fisiologia, logo que chegou a Belo Horizonte, com apenas 23 anos de idade, 2 anos depois da fundação da Faculdade, tendo sido, inclusive, seu reitor, afastando-se somente, e ainda assim com muito pesar, sob a aposentadoria compulsória.

CONTEMPORÂNEOS

Octávio conviveu e foi companheiro de grandes personagens brasileiros de sua época, como Adolfo Lutz, a quem chama de **"sábio infatigável e iluminado"**, **"missionário privilegiado da ciência, admirável pesquisador de verdades novas"**, e Vital Brazil, **"ilustre"** e **"sábio professor"**.

Em seus escritos, cita nomes que não nos são estranhos, como: Alfredo Balena, Cícero Ferreira, Samuel Libânio e Olinto Meireles, fundadores da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, além de Emílio Ribas, Hugo Werneck, Helena Antipoff (que frequentava a Biblioteca do Instituto), bem como os políticos Israel Pinheiro, Noraldino Lima, Olegário Maciel e Juscelino Kubitscheck (de quem foi professor na Faculdade de Medicina), dentre outros, que serão citados ao longo deste artigo.



Foto: Técnicos da Filial Manguinhos. Ezequiel e Octávio ao centro. Década 1920.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

Octávio informa os nomes de seus colegas dos anos iniciais da Filial Manguinhos, mais de 50 deles, dos quais destacamos Eurico Vilela, Henrique Marques Lisboa, Lívio Renaut, e Amílcar Vianna Martins, este que, junto com Octávio, foi um grande pesquisador da doença de Chagas, do escorpionismo e do ofidismo, além de Borges da Costa, também discípulo de Manguinhos, que, além de estar entre os primeiros professores da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, criou o Instituto do Radium, primeiro hospital do país para o estudo e tratamento do câncer, que hoje leva o seu nome, vinculado à Faculdade de Medicina da UFMG.



Foto: Instituto do Radium. Década 1920.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

Em sua inauguração em 1926, o Instituto do Radium recebeu a visita de Marie Curie, descobridora do ^{226}Rádio, que trouxe de presente três tubos do elemento, utilizado na curieterapia de lesões benignas e malignas. Octávio relata que os estudos acerca do câncer no Brasil iniciaram-se nas reuniões semanais que Ezequiel Dias fazia, primeiro em sua casa no bairro Serra, depois no Instituto, das quais Borges da Costa participou desde o início.

> "Conheci, convivi e fui discípulo mesmo, de uma verdadeira constelação de sábios....
>
> Foi desses momentos raros do Brasil, em que viveram Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Adolfo Lutz, A. Giemza, von Provazeck, Hartmann, Rocha Lima, Alcides Godoi, H. Aragão, Miguel Couto, Gaspar Vianna, Miguel Pereira, Pedro de Almeida Magalhães, Antônio Austregésio...
>
> Conheci de perto Jean Louis Faure, Maria Curie, Edouard Claparède e mais recentemente Alexander Flemming e Albert Einstein."

IOM INSTITUTO OCTÁVIO MAGALHÃES



Foto: Octávio (ao centro, de jaleco) e alunos. Faculdade de Medicina. Sem data.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

PRIMEIROS ANOS

Octávio Coelho de Magalhães nasceu no Rio de Janeiro em 31 de janeiro de 1890.

Seu pai e avô também eram médicos. Aos 6 anos puseram-no no Colégio Alemão, e em alemão aprendeu a ler e estudava todas as matérias.

Adoecendo sua irmã mais velha, os pais buscam um bom clima para morar, fixando-se em Petrópolis. Octávio, por causa dos estudos, fica no Rio com os avós, na chácara da família no Engenho Novo, um casarão antigo, repleto de mobílias, quadros, pratarias, cristais e louças, um verdadeiro museu, capricho de seu avô, Souza Gomes, que foi um grande médico do seu tempo.

Muito cedo perde o pai, ficando a mãe e a irmã em Petrópolis, para onde ele ia somente nas férias.

Aos 16 anos, ingressa na Faculdade de Medicina, onde bem depressa alcança o primeiro lugar. Tem como mentor Miguel Couto, de quem se torna grande amigo, e por meio de quem apaixona-se pela "clínica", da qual nunca se afastou. Chamava-o de **"Mestre do saber e da bondade"**.

No quarto ano da faculdade sofre a primeira decepção. Um professor baixou-lhe a nota, fazendo-o perder o prêmio de uma viagem de especialização à Europa, para dá-lo ao filho de um amigo.

Sentindo Souza Gomes a amargura do neto, quis entregar-lhe o necessário para fazer a viagem, mas o rapaz brioso fez questão de repetir o exame, trazendo para casa o "10" a que tinha direito.

Em 1911 conclui o curso de Medicina. Seu avô morre um pouco antes, e não vê o neto se formar.

INSTITUTO MANGUINHOS

No terceiro ano do curso médico, Octávio torna-se assistente no Instituto Soroterápico Federal, na época, ainda uma velha fazenda numa restinga de mangue, recebendo indelével influência de Oswaldo Cruz.

Assim como Ezequiel Dias, auxiliava Oswaldo Cruz nas pesquisas, análises e produção de soros e vacinas, inclusive na ministração das aulas aos novos alunos de Medicina.

Certa ocasião, Ezequiel ouviu do Mestre:

"O Magalhães, com o brilho do seu talento, tem o futuro garantido".

Seu amor por Manguinhos perdurou por toda sua vida.



Foto: Oswaldo Cruz e seus discípulos no Instituto Manguinhos. Ao fundo, Ezequiel Dias e Carlos Chagas. 1902.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

Octávio relata que seus conhecidos reclamavam de que, em seus muitos discursos e escritos, **"nunca deixava de citar Manguinhos"**, do qual nunca se desligou.

IDA PARA BELO HORIZONTE

Após uma visita de Oswaldo Cruz à Belo Horizonte em 1910, a Fazenda do Leitão (hoje área no torno do Museu Abílio Barreto) é anexada à Filial Manguinhos, com a finalidade de manter uma enfermaria veterinária e um posto de observação para o estudo e tratamento das doenças veterinárias que acometiam os rebanhos do Estado.



Foto: Octávio (à direita) com Marques Lisboa (no centro). Década 1910.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

Em 1912, chama-o o Mestre.

"Como receberia você a ideia de uma ida para Belo Horizonte?"

A resposta foi imediata:

"Irei para onde o senhor me mandar".

O objetivo de Oswaldo era que Octávio trabalhasse no Posto de Observação junto a Henrique Marques Lisboa, como "ajudante microbiologista".

Quando Oswaldo morreu precocemente em 1917, Ezequiel e outros de seus discípulos estava com ele em sua casa, em Petrópolis. Octávio não conseguiu chegar a tempo para o enterro.



Foto: Octávio em seu gabinete no Posto Veterinário. Década 1910.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

IDA PARA PORTO ALEGRE

Em 1920, Octávio atende pedido de Carlos Chagas, já então diretor do agora Instituto Oswaldo Cruz, para chefiar o Instituto de Higiene de Pelotas no Rio Grande do Sul, cidade pequena, mas onde residia grande parte das principais famílias do Estado.

Seu prefeito, Coronel Pedro Ozório, pediu a Carlos Chagas que o auxiliasse na recuperação do Instituto e socorro à saúde da população que estava sendo acometida por diversas doenças.

Octávio, que nunca recusava qualquer determinação de trabalho, mesmo porque era desejo de Oswaldo Cruz que fossem espalhados pelo país núcleos de estudo nos moldes do Instituto por ele criado, como havia ocorrido em Belo Horizonte, aceita a incumbência e parte novamente.

Durante 2 anos, Octávio se dedica a reorganizar o Instituto e a lutar contra o tifo, a tuberculose e a peste, bem como as doenças veterinárias que preocupavam os donos dos rebanhos da região.

Promove drásticas ações de saneamento urbano e campanhas de vacinação.

Sua esposa conta:

> "Os que buscavam os atestados das vacinas obrigatórias com tanta relutância já estendiam o braço sem reclamações. A princípio, um gaúcho rico chegou a jogar sobre a sua mesa a quantia correspondente ao atestado, julgando ser isto o bastante para levá-lo. Houve este diálogo:
>
> - Já se vacinou?
>
> - Não acredito nessas aguinhas...
>
> - Mas sem elas o senhor não levará o atestado.
>
> - É que talvez não saiba o que sou do Coronel Pedro Ozório.
>
> Cabeça baixa sem se afastar do que estava fazendo, Octávio respondeu-lhe apenas isto: 'O senhor é que talvez não saiba que nem o Coronel Pedro Ozório sairia daqui com o atestado, sem se vacinar'."

Seu trabalho rapidamente deu grandes resultados, ao que Carlos Chagas ficou satisfeitíssimo, bem como os dirigentes de Pelotas, especialmente o Coronel Pedro Ozório que, conta Octávio, **"não me queria largar"**.

Porém, assunto muito urgente o chama de volta a Belo Horizonte: o caminhar progressivo da doença que por fim levaria Ezequiel.

Wanda conta:

> "Pela amizade que os unia, pelo entrosamento nos estudos, pela companhia de que tanto precisava, sua chegada fora para ele um grande conforto."

Em suas últimas semanas, Octávio acompanhou Ezequiel em seu leito dia e noite. **"Sofreu estoicamente"**, dizia Octávio, e **"trabalhou até a morte"**.

De fato, mesmo em seu leito de morte, Ezequiel continuou recebendo e orientando seus técnicos quanto aos trabalhos da Filial.

INSTITUTO EZEQUIEL DIAS

Com a morte de Ezequiel Dias em outubro de 1922, por indicação de Carlos Chagas, e anuência do Presidente da República, a Filial Belo Horizonte recebe o nome **"INSTITUTO EZEQUIEL DIAS"**, em abril de 1923, em sua homenagem, mantendo ainda o status de Filial do Instituto Oswaldo Cruz.



Foto: Placa de bronze na entrada da antiga Filial.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

DIREÇÃO DO INSTITUTO

Profundamente abalado, não foi fácil para Octávio manter o equilíbrio emocional necessário às incumbências que logo em seguida lhe foram dadas, pois imediatamente chegou-lhe determinação de Carlos Chagas para que assumisse a vaga deixada pelo grande discípulo de Oswaldo Cruz, e que era também o desejo de Ezequiel; papel este que Octávio já vinha assumindo ao longo dos anos, em suas ausências.

Porém, somente em novembro de 1926, no governo do presidente Washington Luiz, Octávio é efetivamente nomeado para o cargo, tendo, contudo, permanecido desempenhando o papel de diretor, mesmo antes da oficialização.

Desde essa ocasião, Octávio já carrega consigo o desejo de tornar a Filial **"um grande Instituto mineiro"** em honra à memória de Ezequiel.

Ao assumir o cargo de diretor, faz um estudo das possibilidades de crescimento e das necessidades da instituição, procurando melhorar os contratos de venda de produtos e ampliando a produção de soros e vacinas, e assim, **"aumentar a renda própria da Filial"**.

Devido às dificuldades que a Filial constantemente enfrentava por ser vinculada à União, em especial, a limitação da transferência de recursos financeiros, problema que Manguinhos também enfrentava, Octávio empreende uma verdadeira jornada para manter vivo o Instituto.



Foto: Fachada da antiga Filial Manguinhos na Praça da Liberdade, que dava para a rua da Bahia. 1922.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

"Vendo que a Filial não poderia viver, nem crescer com tão fracas subvenções", chegou a ir à Capital, o Rio de Janeiro, à época, falar pessoalmente como o Presidente da República, Arthur Bernardes, no Palácio do Catete, pois este **"conhecia bem de perto os serviços que o Instituto prestava ao Estado de Minas Gerais e ao Brasil"**, desde os tempos em que era o Presidente de Minas Gerais (cargo que hoje é denominado "governador"), tendo inclusive visitado o Instituto em certa ocasião.

O Presidente manda então que Octávio procure o Ministro Afonso Pena, do qual consegue verba, que dá ao Instituto **"um pouco mais de tranquilidade para os progressos científicos"**.

Relata ele:

> "A pobreza em a qual vivíamos não nos tolhia de trabalhar com decência. Por tôda a parte, nos nossos laboratórios, eram encontrados remendos, consertos, cousas improvisadas.
>
> Foi, não raro, necessário lançar mão do nosso próprio crédito particular para que nada deixasse de ser fornecido à Casa. Aliás, antes da estadualização, várias vezes fizemos dessas transações para que não faltasse nem se atrasassem os ordenamentos dos funcionários."

Mas assegura:

> "Tudo isso em prédio acanhado, com pouco pessoal; mas, cada seção cumpria rigorosamente o dever, com os exames e produtos em dia, atendendo prontamente aos pedidos do Gôverno e dos particulares. As seções tinham a maior autonomia possível e os técnicos a mais ampla e segura liberdade de ação. Devido à escassez de pessoal, muitos técnicos exerciam mais de uma função cumulativamente, não raro no mesmo e pequeno laboratório."

VISITAS ILUSTRES

O Instituto sempre atraiu a visita de cientistas, pesquisadores e personalidades do Brasil e de outras nações, devido ao seu trabalho excepcional para a Ciência, tendo grande reputação no Exterior.

Destacam-se duas visitas da Realeza europeia:

O Rei Alberto da Bélgica e, em 1930, S. A. R. Princesa Elisabeth da Inglaterra, acompanhada do Dr. M. J. Chalmers, de Morro Velho (sim, a mina), que, em sinal de gratidão pela recepção, presenteia o Instituto com um esplêndido móvel de jacarandá. Este se encontra hoje no Centro de Memória da FUNED, tendo mesmo "escapado" de tentativas de descartá-lo por parte de mentes "menos esclarecidas", que não sabem diferenciar algo "velho" de algo "antigo".

ESTADUALIZAÇÃO

Uma questão que sempre me intrigou na história da FUNED foi o motivo pelo qual a instituição deixou de ser vinculada à atual Fiocruz/RJ, tornando-se uma instituição do estado de Minas Gerais.

Octávio relata em "Ensaios", com detalhes, até mesmo citando ofícios e decretos, que, não fosse o sucesso dessa empreitada, **"a Casa fundada por Ezequiel Dias certamente teria um fim"**.

Conta ele:

> "A idéia da criação do Instituto Biológico em Minas Gerais não nos ocorreu por acaso, ou por uma noite branca, ou num período de acalmia de um pós banquete, regado a bons vinhos. Não. Foi o resultado, ao contrário, da evolução de uma idéia longamente amadurecida e da observação cuidadosa dos fatos de todos os dias, no meio em o qual vivíamos."

Desde os tempos de Ezequiel Dias, os cenários políticos do país e do Estado e incidentes expressivos ocorridos contra o Instituto, como a tentativa de expropriação do seu terreno, encerramento de contratos firmados com o Governo, e até mesmo quando as **"altas esferas administrativas do Estado"** quiseram **"fundar um Instituto mineiro em concorrência à Filial Manguinhos"**, intuito que só foi debelado porque **"o prof. Raul de Almeida Magalhães, Diretor da Saúde Pública do Estado, conservou os contratos com a Filial... porque êle também era um discípulo de Manguinhos"**, e finalmente o corte da transferência dos recursos federais após a Revolução de 1930, foram reforçando a Octávio uma realidade premente:

> "O que nós víamos, e víamos com bastante clareza, é que ela desapareceria inexoravelmente, se não fosse integrada ao patrimônio material do Estado. Encontrei-me, pois, diante de um dilema: ou deixar morrer a Casa fundada por Ezequiel Dias, ou fazer evoluir essa idéia e aproveitar o núcleo já organizado, para ampliá-lo convenientemente e erguer um grande Instituto de pesquisas e trabalhos práticos, dentro de Minas Gerais."

Em 1925, o Instituto recebe intimação do prefeito de Belo Horizonte, cobrando taxas e impostos atrasados, montante para o qual a Filial não dispunha de recursos para pagar, e dos quais já havia sido isenta pelo Governo do Estado. Octávio pede audiência com o prefeito:

> "Referimo-nos à recente e importante vitória da Filial, no domínio da medicina preventiva, com a vacinação e soroterapia antimeningocócica (1923), feita em Belo Horizonte em grande escala, com ótimos resultados. Respondeu-nos o prefeito não acreditar em tais resultados. Saí sem mais explicações, convicto de que o Instituto Ezequiel Dias não teria, realmente, longa vida."

Em 1932, no Governo de Olegário Maciel, o Estado inclui no seu orçamento verba para auxílio ao Instituto. Além disso, **"pagava vinte dos funcionários da Filial"**. Mas Octávio reconhece que **"bastaria ao Estado suspender as duas subvenções a Filial e nada mais nos comprar, para que esta desaparecesse definitivamente"**. Na prática, o Estado de Minas "pagava" por uma instituição que não era sua.

Por todos esses fatos, Octávio chega à conclusão de ser imprescindível que o Instituto se tornasse uma instituição do estado de Minas Gerais. Essa visão ia ao encontro dos anseios do Governo do Estado, que almejava ter um Instituto de Saúde, como ocorria em São Paulo, Rio de Janeiro e outros Estados. Recorre então ao novo Presidente do Estado, Antônio Carlos e ao Secretário, Carlos Luz, além de outros políticos e pessoas influentes da época.

> "Não era uma heresia nem uma irreverência à memória do Mestre. Os tempos haviam mudado e os fatos estavam demonstrando a necessidade premente da nova organização.
>
> Nossa ideia evoluiu, não para destruir, senão que para preservar este núcleo da Escola de Manguinhos, plantado em terra montanhêsa."

Sua proposta foi apresentada a figuras proeminentes do Estado, como o Diretor de Higiene, Dr. Mário Campos, o Secretário de Educação e Saúde Pública, Dr. Cristiano Machado, e na Bancada da Assembleia Mineira, Pedro Aleixo, Carlos Luz, Gabriel Passos e Abílio Machado.

Finalmente, em 1935, Octávio recebe telegrama de Juscelino Kubitschek, então deputado do Estado, informando que a Comissão de Saúde Pública aprovava a transferência do Instituto para o estado de Minas Gerais.

Em 1936, ocorre a estadualização, pela Lei Federal nº 164 (reorganizada e ampliada pela Lei Estadual nº 163), sob a denominação **"INSTITUTO BIOLÓGICO EZEQUIEL DIAS"**.

GAMELEIRA

Octávio empreende agora esforços para conseguir dar nova morada à Casa de Ezequiel, pois, há muito tempo, as instalações da Praça da Liberdade estavam aquém das necessidades da instituição. Além disso, o Instituto enfrentava a expansão imobiliária dos arredores e queixas da vizinhança sobre mau cheiro e barulho dos animais, e o medo dos micróbios e doenças que ali se estudavam. **"Não tendo podido se apossar dos terrenos da Filial, um grupo numeroso de indivíduos iniciou por esta época uma luta feroz contra a presença da Filial na praça da Liberdade"**. Por fim, a campanha teve seu efeito.

O Governo então, por meio de doação de João Pinheiro, cede ao Instituto os terrenos da Fazenda Gameleira, longe do perímetro urbano e da Avenida do Contorno.

> "Os fatos forçaram e precipitaram nossa atuação. Foram, porém, necessários, dez anos para a persuasão e cerca de quatro para a execução do plano. Foram feitos numerosos estudos, plantas, anteprojetos, planos e conferências... Não foi uma luta de um só dia, nem estudos de um só mês, senão que de anos a fio, firme e inabalavelmente."

A construção dos novos edifícios começou em ritmo acelerado. Mesmo assim, não durou menos que 4 anos. Octávio reconhece: **"Eu sabia certamente quanto eram demoradas as obras públicas em nosso país"**.

Wanda conta:

> "O desejo de Octávio era que tudo fosse feito com a maior simplicidade para que as acomodações e aparelhagem para estudos pudessem ser o que houvesse de melhor. Namorou os alicerces e as paredes, (quantas vezes, mesmo à noite) vendo em tudo o que iria receber a expansão do que ele trouxera de Manguinhos. Durante o levantamento do "Biológico", Octávio mal se sentava à mesa para as refeições. Suas atribuições eram demasiadas. Mas a nenhuma delas ele deixava de dar a devida atenção."

Em maio de 1940, os "Pavilhões da Gameleira" recebem a visita do Presidente Getúlio Vargas, que percorreu as instalações e **"elogiou a organização modelar"**.

As novas instalações do Instituto receberam também muitas visitas de políticos, embaixadores, ministros dos Governos Federal e Estadual, cientistas e delegações, até internacionais, como a dos argentinos, que **"pediram cópia de tudo"** para reproduzir na Argentina o modelo dado ao Instituto, o que de fato foi feito mais tarde.

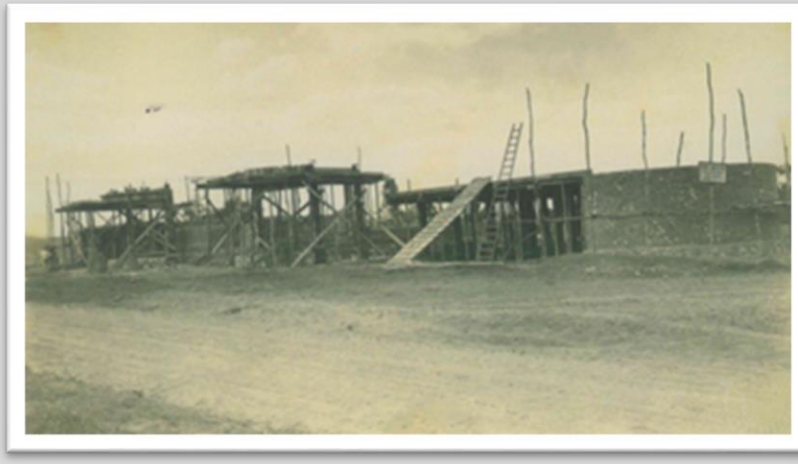

Foto: Construção do Pavilhão Central. 1937.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

Em todas as visitas, a obra recebe grandes elogios, incluindo um Voto de Louvor do III Congresso de Engenharia, **"à organização técnica, verdadeiramente tayloriana, que o diretor havia imprimido às novas instalações da Gameleira"**.

O Instituto é transferido definitivamente para a Gameleira em julho de 1941, sem, contudo, ter deixado de funcionar um só dia.

O sonho de Octávio se realizava.

Porém, o Governo de Minas já tinha outros planos, e logo na mudança, à revelia de Octávio, aloja nas instalações da Gameleira diversos setores da Secretaria de Agricultura e um Curso de Veterinária.

Em setembro, publica o Decreto-Lei nº 796, fazendo uma reestruturação do Instituto, passando-o para a subordinação da Secretaria de Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho, e alterando seu nome para **INSTITUTO BIO-QUÍMICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS**, retirando o nome de Ezequiel.

Em seguida, nomeia como diretor geral um parente do Governador Benedito Valadares, que já estava lotado no Instituto, "auxiliando" na sua transferência, passando Octávio a diretor técnico. Octávio fica sabendo disso somente ao ler o Diário Oficial.

Não se conformando com essas mudanças, Octávio entrega o cargo, deixando seu amado Instituto, ao qual se dedicou tão intensamente, por quase 30 anos, em dezembro de 1941.

> "Vinte e oito anos de trabalho, de lutas, cuja extensão e intensidade só nós e Deus sabemos, numa Casa sem conforto, sem espaço... onde as horas de trabalho não tinham parada, nem no dia nem na noite, nem aos domingos, dias santos ou feriados."

Estoico, desabafa em correspondência a Cristiano Machado:

> "Não soubesse eu de cór o que foi a vida de Oswaldo e Chagas... Não importa, assim sempre será...Tudo eu perdí de um grande e magnífico sonho. Tudo, menos a honra da minha profissão, a dignidade de minha carreira, as tradições de meu caráter, o amor ao trabalho e a paixão pela ciência. Isso ninguém me arrebata. Ninguém!"

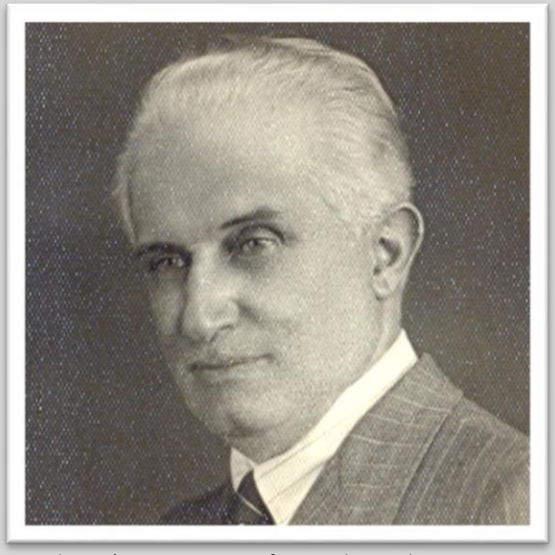

Foto de Octávio em sua pasta funcional. Sem data.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

Octávio entregou ao estado de Minas Gerais uma instituição em pleno desenvolvimento de pesquisas e produtos, com saldo econômico positivo e lucros promissores, sendo uma das maiores instituições de Ciência do país.

Nos anos posteriores, a instituição sofre novamente mudanças em seu nome para **"Instituto Químico-Biológico"**, e mais tarde, **"Instituto de Higiene"**. Na Década de 1950, sob o governo de Juscelino Kubitscheck, recebe de volta o nome Instituto Ezequiel Dias.

Somente em 1970 recebe sua denominação atual: **FUNDAÇÃO EZEQUIEL DIAS**, dada pela Lei Estadual nº 5.594 de 6 de novembro de 1970, integrando o Instituto Ezequiel Dias e a Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (ESP/MG).

INSTITUTO OCTÁVIO MAGALHÃES

Essa nova organização forçou mais tarde a renomeação do Instituto, visando desfazer a confusão que causava o Instituto Ezequiel Dias ter o mesmo nome da Fundação Ezequiel Dias.

Por indicação do Secretário de Saúde, Dr. Fernando Veloso, outro ex-aluno de Octávio, e prontamente acatado pelo Governador Rondon Pacheco, em 1973, o instituto passa a se denominar:

INSTITUTO OCTÁVIO MAGALHÃES

Na ocasião, o Pavilhão Central recebe uma reforma, incluindo a inscrição do novo nome do Instituto na fachada, abaixo do nome de Ezequiel Dias, onde se encontra até hoje.

As atividades desenvolvidas pelos laboratórios do IOM são realizadas na FUNED desde os tempos de Ezequiel e Octávio, denominadas à época de "pesquisas/investigações bacteriológicas" e mais tarde, "exames microbiológicos".

Segundo relato do próprio Octávio, **"os exames eram solicitados aos milhares"**, **"para a Saúde Pública, hospitais e particulares"**, que são os clientes do IOM até hoje.

No relatório de 1935, diz Octávio:

"Sem ele (o Instituto) **... não se teriam aclarado numerosos problemas de microbiologia e clínica humanas"**.

Nos relatórios, Octávio lista as principais doenças diagnosticadas no Instituto: febre tifoide, desinterias, meningite, doença de Chagas, sífilis, tifo exantemático (hoje, febre maculosa) e a difteria (que foi a causa de uma grande crise na Filial em 1917), dentre outros, exames que são feitos no IOM até hoje.

Porém, outras doenças citadas por Octávio, consideradas endêmicas e grandes problemas de Saúde Pública naquela época, há muito não se tem relatos de sua incidência ou prevalência, reflexo do trabalho desenvolvido pelo Instituto para sua erradicação ainda hoje.



Fachada do prédio central da FUNED. Tempos atuais.
Acervo do Centro de Memória da FUNED

Um exemplo é a esquistossomose, que grassava entre a população.

Em relatório de 1936, Octávio alerta ao Secretário Cristiano Machado a previsão de aumento de casos devido à **"abertura da estação de banho na Pampulha"**, utilizada para banhos e prática de esportes, ao que Octávio posicionava-se veementemente contra, perante as autoridades do município.

Também, a raiva, que acometia grandemente a população de animais domésticos, com muitos acidentes envolvendo humanos, e que sempre foi objeto de pesquisa do Instituto.

Teve seu ápice na Década de 1930, quando se criou a Seção Antirrábica, ocasião em que o Instituto empreendeu uma grande campanha, incluindo a vacinação obrigatória dos cães em Belo Horizonte, captura de cães de rua e morcegos, produção das vacinas e vacinação profilática humana, e até mesmo um serviço de policlínica gratuito, para atendimento das pessoas vitimadas.

Octávio, que se mostrou ser um homem além de seu tempo, declara:

> "O nosso serviço anti-rábico desenvolveu-se otimamente e resolvemos fazê-lo gratuitamente, para todos, pela razão muito simples de que, quem não pudesse pagar 50 ou 100 cruzeiros, por uma série de vacina anti-rábica, não deveria morrer de raiva.
>
> Julgamos que vários outros produtos biológicos como êste não devem ser passíveis de comércio. São produtos que representam a segurança da saúde coletiva. Assim, as vacinas contra a varíola, a peste bubônica, a febre amarela, o tifo exantemático, devem ficar neste grupo.
>
> Há cousas públicas, com as quais não se pode mercadejar. Acidentalmente podem dar renda para os cofres públicos, mas a finalidade suprema e sagrada é defender a coletividade, as populações das cidades e dos campos contra os males de tôda ordem, socorrendo-as em assistência permanente e esclarecida. É função precípua do Estado. O mais grave êrro político moderno que o administrador pode cometer, é abandonar as cousas que dizem respeito à medicina preventiva."

Além disso, o Instituto já realizava análises de água para consumo humano, das quais Octávio destaca as **"águas potáveis da Capital mineira e das cidades do interior do Estado, estudo das águas das instâncias hidrominerais"**, como as da cidade de Araxá, que foram analisadas a pedido do prefeito.

Em 1936, o Laboratório Bromatológico e de Pesquisas Clínicas foi transferido da Diretoria de Saúde Pública para o Instituto, criando-se o Laboratório de Águas e Bromatologia. Essa integração foi uma demanda de Octávio. O Instituto já analisava alimentos como, leite, manteiga, banha e outros produtos industrializados, atividades que constituem até hoje uma das atuações de maior destaque do IOM no país e no mundo.

Em "Ensaios", ainda em 1956, Octávio já se refere ao Instituto Ezequiel Dias como um "Laboratório Central de Saúde Pública", pois os laboratórios instituídos nos tempos de Oswaldo Cruz sempre detiveram o status de "Laboratório de Saúde Pública", naquela ocasião, com atuação mais ampla, que incluía pesquisas, ensino, análises e produção.

> "A finalidade principal de um grande Instituto Biológico como o Ezequiel Dias, não era e nem podia ser, o de dar lucro apenas, senão que servir à coletividade, esclarecendo diagnósticos, fazendo produtos de real valor... atendendo as solicitações do Estado, procurando, em uma palavra, ser útil ao Brasil."

LACEN/MG

Em 1976, devido a uma epidemia de meningite que assolou o país (1974), o Ministério da Saúde instituiu uma rede com Laboratórios Centrais de Saúde Pública nas Capitais de cada Estado, visando centralizar as demandas de análises laboratoriais. O IOM é o Laboratório Central de Saúde Pública de Minas Gerais (LACEN/MG), desde então.

Em 1977, a rede dos LACENs é oficializada como o Sistema Nacional de Laboratórios de Saúde Pública (SISLAB), por meio da Portaria Ministerial nº 280, de 21 de julho de 1977, ainda vigente.

> "Quantas vidas deveu a própria salvação à existência do Instituto! Quanta riqueza humana e animal foi poupada ao Brasil e a Minas, pela ação eficiente do Instituto Ezequiel Dias. E, tudo isso, sem alarde, sem grita pela imprensa leiga, sem o ronco, tão em moda, dos tambores e dos reclamos..."

CONCLUSÃO

Ficam então estas páginas como um breve "rascunho" da vida e atuação de Octávio Magalhães.

Falta-nos tempo para discorrer sobre suas tantas pesquisas, sobre a grande produção de soros antiofídicos e antiescorpiônicos em sua época, inclusive mantendo um posto de atendimento dentro da Filial para socorrer as vítimas de acidentes com animais peçonhentos, o mapeamento das espécies de serpentes de Minas Gerais, que foi um levantamento inédito, o serpentário e sua coleção de espécimes, a Biblioteca, que durante muitos anos foi a referência para a Ciência e Medicina na cidade, e a Revolução de 30, quando **"foi preciso organizar trincheiras com sacos de farelo, para evitar que as balas acabassem de despedaçar os nossos já ricos mostruários"**. As paredes da Filial ficaram crivadas de balas onde era a mesa do diretor. Ainda assim, Octávio **"não deixou de trabalhar um só dia"**, inclusive para alimentar os animais, que chegavam a 700 na ocasião.

Realmente, uma vida rica, intensa, mas como sua esposa lamentou **"uma vida passada tão distante dos aplausos do mundo, mas tão marcante pelo exemplo que deixou"**.

Octávio Magalhães faleceu em 16 de junho de 1972, aos 82 anos, em decorrência do Mal de Parkinson.

Não nos foi possível promover mais homenagens a Octávio para marcar o Cinquentenário, como era nosso intento, pelos motivos usuais e que Octávio bem conheceu. Mas ele não se importaria. Dizia ele:

> "O êrro comum é supor que o sábio e o artista verdadeiros trabalham pela glória e para a glória. Supor que eles visam, pelo trabalho, apenas o aplauso e as honrarias dos contemporâneos... A grande e verdadeira alegria do sábio e do artista é saber que êle realmente criou e não precisa dos homens para a sua glória... Precisa de aplausos quem se sente fraco, quem tem dúvidas, quem vacila, aquêle que tem necessidade do calor dessa temperatura fugidia e quase sempre falsa, das homenagens populares."

Este era Octávio de Magalhães...

Sigamos, então, seu exemplo e sábio conselho:

> "Quem quiser na vida pública atuar, em nossos dias, terá de transigir. Transigir muito. Transigir com a maldade, com as intrigas, com todas as misérias morais do homem, até com as trevas da ingratidão. Só uma cousa é preciso salvar sempre, ainda que perca tudo o mais: a honra.
>
> Como é difícil vencer a rotina! Como é penoso afastar os preconceitos! Como é trabalhoso afastar a inveja das cousas boas e dignas!
>
> Ontem, como hoje, amanhã, como sempre, não me aterrorizam as ameaças, ainda as piores, venham de onde vierem, quando a consciência me monstra o caminho do dever."

NÃO ESMORECER, PARA NÃO DESMERECER

Octávio chama este de **"lema oswaldiano"**, e **"conceito lapidar do Mestre de Manguinhos"**, lema que nos convém seguir ainda hoje.

Continuemos, portanto, com nosso zelo, a cumprir o desejo e esperança de Octávio de Magalhães, fazendo jus ao seu legado:

> "Nossa Casa, plantada em Minas pela visão genial de Oswaldo Cruz e organizada pelo espírito clarividente de Ezequiel Dias, constituirá, sem dúvida, para Minas, um grande marco, de que hão de se orgulhar os pósteros."

EPÍLOGO

Wanda Figueiredo Magalhães era filha de Bernardo Figueiredo, um dos engenheiros responsáveis pela construção de Belo Horizonte, que se casou com a irmã mais velha de Ezequiel Dias, Carolina Dias.

Devido ao grande interesse de Carolina pela profissão do noivo, Ezequiel, ainda aos 6 anos de idade, promete à irmã que se tornaria engenheiro. Mais tarde, percebe que sua vocação seria, não a Engenharia, mas a Medicina, porém, muito honrado, tenta manter a palavra dada à irmã. Mais tarde, seu pai pede que ele faça Farmácia, no intuito de garantir o futuro da família, caso ele os faltasse. Ezequiel atende ao pedido do pai e, ao se formar, envia-lhe carta dizendo: **"Acabo de fazer a sua vontade; vou agora cumprir a minha e terminar o curso médico"**.

Recém-chegado à Belo Horizonte, Octávio, para fugir às horas solitárias, desenvolve o hábito de passear de bonde nas tardes de domingo, para conhecer a cidade. Numa dessas tardes, antes da habitual ida à casa de Ezequiel, chega ao final da linha da "Serra" e chama sua atenção uma linda casa florida, no alto da ladeira. Fica a admirá-la, com desejo mesmo de pedir aos donos que pudesse entrar e conhecê-la, pois lhe lembrava a querida chácara de sua infância.

No final da tarde, conta-o a Ezequiel, que o surpreende com a promessa: **"Pois vou levá-lo lá"**. Por coincidência, a chácara era de sua irmã Carolina.

Três anos mais tarde, em 1915, Octávio casa-se com Wanda Figueiredo, uma das sobrinhas de Ezequiel, a quem conheceu naquela primeira visita.

São irmãos de Wanda: Morvan Figueiredo, Ministro do Trabalho na gestão do Marechal Dutra, que ficou conhecido como "Ministro da Paz Social" e Nadir Figueiredo, sim, aquele mesmo, da fábrica de vidros, que criou o "copo americano®" em 1947, mas que nós, mineiros, gostamos de chamar de "copo lagoinha".

Texto: Aline Tatiane Pereira Melgaço
Revisão: Fabiana Melo Neves

BIBLIOGRAFIA

MAGALHÃES, O. C. **Ensaios**. Belo Horizonte. Oficinas da Faculdade de Direito. 1956. Consulta ao acervo do Serviço de Informação Científica, Histórica e Cultural da FUNED.

MAGALHÃES, V. F. **Octávio de Magalhães, um pouco do que ele foi.** Editora Cordel. 1976. Consulta ao acervo do Serviço de Informação Científica, Histórica e Cultural da FUNED.

STARLING, H. M. M.; GERMANO, L. B. P.; MARQUES, R. C. **Fundação Ezequiel Dias: um século de promoção e proteção à saúde.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Revista Médica de Minas Gerais.** Um pouco da história do Instituto do Radium de Belo Horizonte. Disponível em https://rmmg.org/artigo/detalhes/182. Acesso em 4.ago.2023.